

A ELABORAÇÃO DE UM LIVRO, COMO PRÁTICA DE LETRAMENTO, DESENVOLVIDA EM UMA SALA DE APOIO MULTIDISCIPLINAR INSERIDA NO PIBID

Luciana de Almeida Moreira

UEMS

Suzana da Silva Eufrásio

UEMS

Resumo: A alfabetização, no Brasil, tem sido motivo de preocupação e, por conseguinte, discussões entre educadores, dadas as maneiras de promovê-la. Não obstante a todas estas discussões, o ambiente escolar, dadas devidas proporções do que se considerava ambiente escolar até então, tem sido palco de diversas experiências relacionadas a tais maneiras de se alfabetizar. No que tange à alfabetização, a proposta construtivista considera as práticas de leitura, escrita e reescrita textual como uma estratégia eficaz, uma vez que parte do pressuposto de que o ideal seja formar pessoas letradas e não apenas alfabetizadas. O PIBID- Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência é um programa nacional que contempla diversas áreas do conhecimento e está subdividido em projetos, sendo que *“Ateliês formativos de professores alfabetizadores: construindo práticas eficazes”* é um subprojeto de alfabetização ao qual está inserido o presente artigo, cujo aporte teórico é o construtivismo, tendo por objetivo fortalecer a prática docente na academia. Diante da proposta de letramento a que o programa se propõe a promover, para a metodologia do trabalho utilizou-se uma abordagem qualitativa de estudo de caso e como referencial teórico lançamos mão das concepções de Mortatti (2006) e Franchi (1988), dentre outros. Utilizando um personagem infantil muito difundido pela mídia, pensamos na elaboração do livro a partir do que habitava no imaginário dos alunos, permitindo que eles narrassem a história. O objetivo aqui é apresentar uma possibilidade de aplicação da proposta de letramento em uma sala de apoio multidisciplinar, afim de que se proporcione dentre inúmeras, mais uma maneira de se potencializar a ação do professor enquanto mediador no aprendizado do aluno, com o intuito de torná-lo um leitor ainda enquanto criança. Como resultados parcialmente obtidos, destaca-se a importância da reescrita textual para a superação das dificuldades relacionadas à escrita, encontradas pelos alunos da educação infantil.

Palavras-chave: Construtivismo; Leitura; Escrita; Reescrita.

Introdução

A partir de 1890, ano em que ocorreu a Proclamação da República no Brasil, saber ler e escrever passou a ser considerado instrumento de saber e esclarecimento, além de sinônimo de modernidade e desenvolvimento social do país. Por isso a importância que a escola assumiu no Estado, a fim de proporcionar às massas iletradas o acesso ao esclarecimento. Desde então as práticas de leitura e escrita passaram por um processo sistemático de escolarização, isso por que até então, as aulas aconteciam geralmente nos lares.

Nas poucas escolas que havia no Império, estas não eram sistematizadas, ou seja, não havia um método de ensino e as aulas não eram ministradas por professores capacitados, uma vez que, neste período, o

modelo de aula que se tinha era o das aulas régias, onde as salas de aula eram “adaptadas, que abrigavam alunos de todas as séries e funcionavam em prédios pouco apropriados para este fim” (MORTATTI, p. 05, 2006).

Vale lembrar que nesta época a instrução era restrita a poucas pessoas, sendo estas, pertencentes às classes mais abastadas da sociedade. Com a proclamação da república [...] “a leitura e a escrita passaram a ser fundamentos da escola obrigatória, leiga e gratuita e objeto de ensino e aprendizagem escolarizados, [...] submetidas a um ensino organizado, sistemático e intencional” (id. Ibid. p. 03), de modo que para tanto, a partir de agora seria necessário que as aulas fossem ministradas por profissionais capacitados, assim sendo, os professores.

Com o passar do tempo percebeu-se que a escola não dava conta do seu papel de ensinar especialmente no que se referia à alfabetização e então começaram diversas discussões em busca de encontrar onde estava a falha, de modo que, por conseqüentes tentativas de acerto, um dos pontos de mudança no decorrer dos anos, foi no método de ensino a ser aplicado para as práticas de leitura e escrita. Com as mudanças vieram divisões de opinião e estas se dividiam entre os que as defendiam e os que não. O novo método era repudiado pelos educadores que mantinham o método tradicional e antigo de se alfabetizar.

Mas os questionamentos não cessaram e as mudanças continuaram a ocorrer, dadas as demandas geradas até mesmo pelo imenso contingente de crianças a ingressar no ambiente escolar a cada ano mais cedo e aos altos índices de evasão e reprovação escolar nas séries iniciais, além de se levar em conta o fato de que as crianças estão chegando às séries posteriores à alfabetização, inclusive no ensino médio, sem o domínio da leitura e escrita. Quanto aos métodos de ensino utilizados no Brasil ao longo de quase um século, pode-se dizer que estes se dividiram entre método sintético, método analítico, global e o construtivismo.

Segundo Mortatti (2006), inicialmente, o método utilizado no Brasil para o ensino da leitura era o da marcha sintética, que partia do pressuposto de que para se aprender a ler seria necessário que se aprendesse primeiramente os fragmentos das palavras. Isso se daria das partes para o todo, partindo da soletração do alfabeto, que seriam os nomes das letras; dos sons que correspondem a estas letras, que é o fônico; ou, ainda, da silabação dos sons emitidos, através das sílabas. Considerando uma ordem crescente de dificuldade, somente depois disso é que se ensinaria a ler palavras com estas letras, sons ou sílabas que foram aprendidas

e por fim a formação de frases. Para a aprendizagem da escrita, a metodologia pautava-se na utilização da caligrafia e em exercícios que trabalhavam a ortografia.

Uma grande auxiliar do professor em sala de aula, nesta época, era a Cartilha e esta continha o método tradicional sintético. Porém, uma cartilha publicada pelo poeta João de Deus em Portugal, no ano de 1876, intitulada “Cartilha Maternal ou Arte da Leitura”, continha um método diferente do tradicional sintético. Este novo método ficou conhecido como “método João de Deus ou da palavração” (Mortatti, 2006, p. 06) e, indo de encontro ao que propunha o método anterior, através dele iniciava-se a leitura pela palavra inteira e não pelo seu fragmento. Com efeito, este momento torna-se um marco no ensino e a este novo método de alfabetizar dá-se o nome de analítico que através de grupos de professores paulistas, foi disseminado para os demais estados brasileiros.

As disputas pela hegemonia dos métodos nas salas de aula não cessaram e houve até quem conciliasse ambos na intenção de obter melhores resultados, uma vez que, considerando-se ultrapassado o método sintético, a crítica ao método analítico era pela demora nos seus resultados. Segundo Pereira (s/d), na década de 20 surge no Brasil o chamado método eclético ou global, numa tentativa de “comungar as descobertas advindas dos estudos relativos aos métodos anteriormente referidos, [...] estabelecendo a liberdade de escolha do método de ensino de leitura e escrita” (p. 03).

Posteriormente, surge o que se chamou de construtivismo ou desmetodização. O então chamado pensamento construtivista é resultado das pesquisas de Emília Ferreiro e seus colaboradores, que trata a psicogênese da alfabetização, considerado uma revolução conceitual ao invés de método. Segundo Mortatti (2006) a proposta então seria de se “abandonarem as teorias e práticas tradicionais, desmetodizar o processo de alfabetização e se questionar a necessidade das cartilhas”.

Neste caso, segundo Dumont (s/d), a diferença entre método e proposta será aquela que Margarida Gomes Palácio aponta, em “OS filhos do analfabetismo: a diferença entre método e proposta reside no fato de que o primeiro está centrado no processo que o professor deve seguir e proposta de aprendizagem, no processo que a criança realiza” (Pereira apud Ferreiro).

De acordo com esta proposta, o psicológico da criança é levado em conta tendo por base a teoria elaborada por Jean Piaget, um dos maiores pesquisadores da educação e da pedagogia, que considera o conhecimento como um processo de organização de dados, onde o método de ensino se subordina ao nível de

maturidade da criança, considerando que “o conhecimento é produzido por experiências realizadas no meio e que a aprendizagem se processa por um mecanismo de associação” (Bittar, 2003) e defende principalmente, que o professor crie caminhos para que o aluno obtenha autonomia na busca do conhecimento.

O construtivismo, como teoria aplicada à compreensão do percurso vivenciado pela criança, na tentativa de compreender como a escrita funciona, foi apresentado por Emília Ferreiro e Ana Teberosky na década de 80 no livro “A psicogênese da língua escrita” (Pereira, s/d. p. 03).

Norteando as práticas de produção textual na forma de leitura, escrita e reescrita pela proposta construtivista, com efeito, pensar na elaboração de um livro por mãos dos alunos parece pertinente, uma vez que estariam abarcadas, na mesma atividade, características indispensáveis para a prática de letramento.

A ideia ganha fôlego quando se pensa, segundo Geraldi (1984), que na escola a prática de escrita e leitura está condicionada à produção de redações e que não são oferecidos aos alunos textos inteiros para serem lidos e quando o fazem são por pura e simples intenção de interpretá-los com perguntas que não desafiam tais alunos a pensar e que, por isso, respondem a tais questionamentos de maneira objetiva e superficial. Parafraseando Geraldi (1999), talvez esteja aí o motivo de a juventude de hoje não conseguir expressar seu pensamento.

Problematização/Justificativa

Por que trabalhar a escrita na alfabetização elaborando um livro? Por que não utilizar os textos fragmentados da mesma forma como estão dispostos na maioria dos manuais didáticos trabalhados em sala de aula?

Os métodos de alfabetização utilizados em salas de aula do Brasil são motivos de constante discussão, principalmente a partir da Proclamação da República, momento em que a leitura e a escrita passaram a ser obrigatórias no currículo escolar. Foram muitas tentativas de métodos de alfabetização a contar com o método sintético. Desde então as mudanças foram muitas e atualmente, para a alfabetização, considera-se a reescrita de texto como uma das estratégias mais interessantes e eficazes de fazer com que o aluno não só reconheça os códigos do sistema gráfico, mas que o mesmo possa contextualizar o que lê ao seu cotidiano, de modo a sentir

prazer pela leitura e, assim, tornar-se um pequeno leitor. Desse modo, vale dizer que o ideal é que a leitura seja, para o aluno iniciante, “[...] desafiadora, criativa e significativa (FRANCHI, 1988)”.

Justamente por isso, consideramos pertinente o exercício proposto, uma vez que abarca todos estes requisitos acima arrolados. Elaboramos um livro com as respostas da classe e posteriormente, pensamos na culminância do projeto com a simulação do lançamento deste livro.

Acreditamos que proporcionar uma atividade desta dimensão a uma criança significa dentre muitos outros benefícios e possibilidades, instigá-la a pensar, imaginar situações e coordenar suas idéias transpondo-as ao papel na forma de escrita e desenho, haja vista que eles também ilustraram suas narrativas, além de trabalhar a leitura na forma de oralidade.

O desenvolvimento da criatividade da criança, da oralidade, uma vez que liam à medida que realizavam seus escritos; da escrita em forma de construção e reconstrução textual; do estímulo ao prazer pela leitura; da prática de coesão e coerência textual; a capacidade pela escolha e estilo do texto; as ações e reflexões acerca do trabalho que paulatinamente tornava-se visível aos seus olhos na forma do livro e ainda, a execução deste trabalho numa elaboração conjunta são outros tantos benefícios do projeto.

Metodologia

Esta pesquisa é de caráter qualitativo na forma de estudo de caso. Os dados foram coletados a partir das experiências vividas nas salas de apoio multidisciplinar por acadêmicas bolsistas do 3º e 4º ano de Pedagogia da UEMS- Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul- e que estão inseridas no PIBID - Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência-, um programa nacional que contempla diversas áreas do conhecimento e está subdividido em projetos. O subprojeto “*Ateliês formativos de professores: construindo práticas eficazes*”, sob orientação da Prof.^a Dr.^a Eliane Greice Davanço Nogueira, é o subprojeto de alfabetização ao qual estamos inseridas, cujo aporte teórico é o construtivismo e que tem por objetivo fortalecer a prática docente na academia.

Diante do que foi exposto como proposta do programa, cuja intenção é a de inserir o acadêmico na prática docente, ainda durante sua graduação, acompanhamos os alunos do ensino fundamental da Escola Estadual Olinda Conceição Teixeira Bacha, situada em Campo Grande/MS.

Como nossa intenção era a de trabalhar com um personagem infantil, precisávamos escolhê-lo, de modo que a primeira atividade realizada foi uma sondagem com os alunos. A problematização se deu de forma a levarmos um brinquedo do personagem onde o mesmo se encontrava dentro de um barril – o barril do Chaves, solicitando aos alunos que observassem com atenção e imaginassem o que poderia ter lá dentro, já que o nome do livro sugeria tal resposta. O próximo passo foi sugerir que transpusessem ao papel suas respostas em forma de narrativa.

Categorizamos as respostas, reescrevendo-as no quadro e posteriormente estas foram escritas na forma de história, narrada pelas crianças coletivamente, utilizando suas respostas iniciais, porém divididas por categorias. Após escrita a história o próximo passo foi lê-la e para tanto, cada aluno leu uma parte e depois todos em conjunto. Para a ilustração dividimos a classe em grupo, de modo que em grupo, fizessem ilustrassem um trecho da história e posteriormente, cada aluno fez seu próprio desenho.

O próximo passo foi a elaboração do convite e do livro propriamente dito, preparando a formatação e impressão e por fim a culminância com a simulação do seu lançamento.

Desenvolvimento

Nossas expectativas quanto a esse projeto foram as melhores e maiores possíveis, da elaboração à culminância. Uma semana antes de começarmos a trabalhar com as crianças levantamos-lhes a hipótese da produção de um livro e lhes dissemos que iríamos desenvolver um projeto com um tema que eles conhecessem. Fizemos uma sondagem e constatamos uma preferência praticamente absoluta pelo personagem Chaves, protagonista de um programa televisivo. Com efeito, para a realização do trabalho não foram levadas em consideração as críticas e discussões acerca do personagem, haja vista que para a academia, pedagogicamente, ele não seria o mais indicado a se trabalhar com as crianças.

Da Elaboração do Livro

Como foi dito, a escolha deu-se através de uma sondagem e desde então começou uma contagem regressiva tanto da nossa parte quanto da deles, que conforme a professora regente da sala de aula afirmou,

não havia um dia em que o assunto do Chaves não fosse abordado e que a sala de aula não ficasse alvoroçada com os comentários acerca do que pensavam que seria o projeto, afinal de contas, eles escreveriam um livro!

Chegado o momento de começarmos a ansiedade era tamanha que podia ser percebida através dos olhinhos das crianças que nos receberam aos gritos, num festejar irradiante. Foi demais! A professora também se mostrou muito satisfeita e disposta a nos ajudar constantemente e se envolveu a ponto de nos dar ideias, tomar a frente em algumas decisões e, inclusive interceder em nosso favor em outros momentos.

Num primeiro momento foi inevitável uma conversa séria com eles, por que o barulho era demais, tanto que não nos ouviam, mas até esse barulho era relacionado ao Chaves, portanto compreensível.

Nossa segunda atividade foi problematizar o objeto, e isso se deu levando o brinquedo do Chaves e possibilitando às crianças, uma a uma, de carteira em carteira, o contato manual com o brinquedo a fim de que pudessem ver o que havia dentro do barril do Chaves. É claro que eles não viram nada e então se perguntaram... Ué, não tem nada aqui professora, o que vamos escrever então? Respondemos então que a ideia era pôr a imaginação em prática para ver o que tinha lá dentro e achamos por bem lhes dar um limite entre 10 e 15 linhas para responder à problematização.

Teve de tudo nestas respostas: até beyblade, piscina, carrinho de controle remoto, passagem secreta para outra dimensão. Os que iam terminando revisavam seu texto e trocavam ideias com os colegas, já pensando nas ilustrações... depois eles nos entregaram as folhas e então lemos em voz alta todas as respostas, sem identificá-las (para que não houvesse nenhum tipo de gracinha entre eles, caso alguma resposta fosse passível de gozação), de modo que cada um pudesse, mais tarde, reconhecê-las quando se tornassem parte do livro.

Levamos mais dois dias para fazer o que chamamos de "garimpar os textos", que foi o ato de retirar dos mesmos todas as informações referentes ao Chaves, tudo o que ele falava, o que ele tinha, o que ele fazia, numa tentativa de organizar as nossas ideias e dar melhor visibilidade ao que as crianças pensavam a respeito do que foi problematizado. Feito isso, fizemos o que chamamos de "categorizar as informações", que foi justamente separar todas as informações anteriormente extraídas dos textos e reagrupá-las nas categorias casa, família, sentimentos, comidas, brinquedos, ações, frases e escola.

No quarto e quinto dia reescrevemos os textos, coletivamente, sempre como eles sugeriam e víamos que por ora eles concordavam, ora discordavam um uns dos outros, mas sempre chegavam num consenso. Na

medida em que íamos escrevendo suas respostas, também corrigíamos os erros que haviam cometido quando escreveram individualmente. Nós perguntávamos como poderíamos começar a história e eles respondiam com “era uma vez”; Num outro momento questionávamos a ortografia de uma palavra e outra e os conduzíamos a pensar de modo que, na maioria das vezes, acabavam corrigindo a palavra sem a nossa intervenção.

Este procedimento de levá-los a refletir sobre a escrita repetiu-se durante todo o processo e todos participavam, inclusive aqueles que eram tidos como os bagunceiros da classe, mostraram-se absolutamente envolvidos e obtiveram resultados satisfatórios, além até do que eles próprios esperavam, de modo que, aos poucos, foi acontecendo o livro. E quando cada um percebia que o que estava sendo escrito era de sua autoria, dados os escritos iniciais da problematização, ouvia-se: _ Ah, esta parte é minha, fui eu que falei isso!

Outra semana começou e precisamos preparar a culminância já pensando no lançamento do livro. Como todo lançamento tem público, pensamos em convidar os pais. Resolvemos então confeccionar o convite junto aos alunos. Selecionamos três figuras na internet e fizemos uma votação para ver qual deveria ser a figura do convite. Decidido, elaboramos em conjunto a escrita e mandamos imprimir. No outro dia as crianças os levariam para casa e entregariam aos seus responsáveis, convidando-os para o lançamento do seu livro.

É chegada a hora de ilustrar o nosso livro. A princípio separamos as crianças em grupos. Foram belos desenhos! Com esta ação pretendemos trabalhar, principalmente o espírito de equipe das crianças, que geralmente têm dificuldades em ceder suas opiniões. Outra etapa da ilustração foi o desenho individual.

No dia seguinte os alunos terminaram os desenhos e agora precisávamos decidir qual deles faria parte da capa e assim, inicialmente pensamos numa eleição, mas isso poderia causar desconforto ou sentimento de injustiça entre eles, do tipo: _Por que você não votou em mim ou coisa parecida, e assim, optamos por um sorteio. Enumeramos os desenhos e sorteamos um número. Por sorte o desenho sorteado ia ao encontro das nossas expectativas, mas confesso que esta iniciativa foi tensa e arriscada.

Já estava tudo pronto para o livro: texto, ilustração, capa. Até os convites já haviam sido enviados de modo que agora só faltava pensar na culminância e decorar o lugar que, a princípio deveria ter sido na quadra de esportes, mas como no dia e na hora que marcamos o evento ela estaria ocupada, resolvemos fazer na sala de aula mesmo. Fizemos um cartaz com o mesmo desenho do convite e encadernamos as ilustrações originais, para formar um caderno de ilustrações.

Do Lançamento

Fizemos também um barril enorme para o Chaves e para tanto utilizamos uma caixa de fogão, papel pardo e fita isolante preta. Fora da escola as coisas também iam a mil. Corríamos com a impressão dos livrinhos, alugamos uma roupa para o Chaves e precisamos de um candidato para se fantasiar do personagem.

Os pais chegaram muito antes do horário previsto, tamanha era a ansiedade em ver os filhos “lançando seu livrinho”. Acomodados em carteiras expostas de maneira que pudessem apreciar todo o desenrolar do evento, sem perder nenhum detalhe, eles observavam as crianças, vislumbrados! Estas por sua vez, estavam sentadas em semicírculo, para garantir a visibilidade de todos. Expusemos os livros que mais tarde seriam por eles autografados e entregues aos pais.

Antes disso, fizemos um pequeno discurso de apresentação e agradecimento e passamos a palavra a cada criança que, uma a uma, foi lendo um trecho do livro e discorrendo a respeito de suas considerações. Leram em voz alta e muito bem, paulatinamente e concentrados. Após a leitura de todos e as devidas considerações, autografaram cada um o seu livro e ofertaram aos pais, que por sua vez, choraram de emoção e contentamento, aplaudindo a todos.

Feito isso, cada um mostrava ao pai sua participação individual no livro, mas explicavam que fizeram em conjunto. Os pais vinham orgulhosos nos mostrar os feitos dos filhos e nos agradecer. Em seguida o “Chaves” entra em cena e diverte a todos, regados de muito sanduíche de presunto.

Resultados e discussões

Se considerarmos que estamos inseridas num subprojeto do PIBID e que este subprojeto estende-se por todo o ano em seu desenvolver enquanto programa, dizemos que o projeto de ensino aqui apresentado está inacabado, justamente por que o PIBID ainda está em andamento e que, portanto, os resultados são parciais. Entretanto, considerando-se que a proposta é apresentar uma possibilidade de se trabalhar o letramento em sala de apoio multidisciplinar do ensino fundamental, tornou-se viável dizermos que o mesmo está concluído nos limites do que se propôs a desenvolver enquanto projeto de ensino, que foi justamente apresentar tal possibilidade.

Para os limites deste projeto, apresentamos os seguintes resultados considerados parciais apenas no que tange à sua participação no PIBID, dada sua continuidade durante o todo o ano letivo. Portanto é sob este prisma que os resultados serão apresentados como parciais, muito embora a culminância do projeto de ensino “Elaboração de um livro, como prática de letramento, desenvolvida em uma sala de apoio multidisciplinar inserida no PIBID” já se tenha dado e, portanto, concluída.

Pudemos acompanhar o aperfeiçoamento da escrita dos alunos no decorrer dos dias em que estivemos desenvolvendo o projeto. Seus erros ortográficos tornaram-se cada vez mais irrelevantes, comparados aos iniciais. Ainda, a oralidade pode ser observada na medida em que o texto era lido e assim, pudemos constatar que, além de colaborar para o melhoramento da escrita, o projeto colaborou para uma melhor desenvoltura quanto à prática de leitura oral, a contar com a desinibição dos alunos.

Também no que tange às percepções dos erros ortográficos, a eficácia do projeto tornou-se notória, assim como para uma narrativa coesa e coerente, quesito indispensável para o letramento, pois perceberam a importância de um texto ter seu começo, meio e fim não por pura e simplesmente convenção, mas por que desta maneira o texto torna-se compreensível. A estética do texto foi outro ponto salientado durante as discussões, alertando para a importância das palavras bem escolhidas, os sinônimos e a formatação. Para terminar, consideramos de um valor estimável a harmonia com que as coisas aconteceram, observando que mesmo quando estavam sendo postos à prova com suas opiniões contrárias uns dos outros, souberam ceder quando necessário, percebendo o valor de se trabalhar em equipe, tendência da atualidade.

Não podemos deixar de citar o valor inestimável da participação da família nas ações dos filhos e, portanto ver os pais participando do que chamamos de lançamento do livro, depois da efetiva realização do que o projeto tinha por objetivo inicial, esta foi uma das atribuições que, por si só, já mereceria ser arrolada como válida, pois como sabemos, não é sempre que a mesma se dispõe a participar da vida escolar das crianças.

Sua aplicação não só é válida para as salas do ensino fundamental assim como para todos os demais anos da vida escolar, afinal, leitura e escrita andam juntas e ambas formam um indivíduo capaz de analisar suas ações, de se expressar e ser bem sucedido na vida enquanto leitor. Para tanto, é preciso que este indivíduo sinta necessidade de aprender, perceba significado nas coisas e interprete. É necessário que professores ofereçam aos seus alunos bem mais do que fragmentos de textos para serem trabalhados. É necessário que os alunos sejam interpelados a respeito do que pensam, do que pretendem expressar e lhes oferecer meios para

Web revista Página de debates

Questões de
Linguagem

EDIÇÃO 23 –2 SEMESTRE DE 2014
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 30/05/2014
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/06/2014

que eles possam desenvolver suas potencialidades em todas as suas instâncias, sobretudo na prática do letramento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFIAS

FRANCHI, Eglê Pontes. **Pedagogia da alfabetização**: da oralidade à escrita. São Paulo. Cortez editora, 1988.

GERALDI, João Wanderley. **Concepções de linguagem e ensino de Português**. Cadernos da FIDENE, nº 18, 1981.

____.Et al (orgs.). **O texto na sala de aula: leitura e produção**. 2. Ed. São Paulo: Ática, 1999.

MORTATTI, Maria Rosário Longo. **História dos métodos de alfabetização no Brasil**. Brasília, 2006.

PEREIRA, Juliana Aparecida Dumont. **CONSTRUTIVISMO: (DES) METODOTIZAÇÃO DO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO**. Site www.sme.salvador.ba.gov.br acesso em 25/02/2012 às 18:18 h

RUSSEFF, Ivan. Bittar, Mariluce (Orgs.). **Educação infantil**: Política, formação e prática docente. Campo Grande: UCDB, 2003.